

A Cultura do Vaso Campaniforme no Concelho de Alenquer

Thomas Bubner

A investigação do Calcolítico em geral, e da Cultura do Vaso Campaniforme (CVC) em particular, está intimamente interrelacionada, pois ambos os acontecimentos desenrolaram-se, pelo menos em Portugal, no mesmo espaço. Efectivamente, não é possível, por enquanto, definir claramente o Calcolítico sem recorrer à CVC, embora mesmo assim não se tenha conseguido definir a fase — ou as fases — iniciais dessa época⁽¹⁾.

Na região que nos interessa, ou seja no concelho de Alenquer, mas também no resto da Estremadura e do Ribatejo, a investigação do Calcolítico e da CVC começou com as escavações dos monumentos mais fáceis de localizar: foram os túmulos colectivos, tais como dólmens, *tholoi*, hipogeus ou também grutas naturais, que logo chamaram a atenção dos arqueólogos e as oferendas encontradas satisfaziam, por outro lado, a curiosidade dos descobridores.

Hoje sabe-se que este tipo de monumento é susceptível de nos esclarecer sobre o modo de enteramento e sobre o estado de civilização alcançada mas raramente fornece argumentos para definir as várias etapas do Calcolítico, e nada diz sobre o modo de vida dos constructores e utilizadores. Estes dados obtêm-se somente em escavações dos povoados da época onde se pode observar — desde que a escavação seja feita com o rigor necessário — muitos pormenores que documentam a vida dos seus habitantes.

No que diz respeito aos túmulos colectivos do Neolítico Final e do Calcolítico, possuímos o grande Corpus de Georg e Vera Leisner que permite ver, por um lado, os magníficos achados feitos, mas de onde se tira, também, a conclusão de que é impossível encontrar respostas a muitas das nossas perguntas, tais como, p. ex.: — quando começou o Calcolítico?; — quais as suas etapas?; — como definir as suas últimas fases?; — etc..

As escavações em povoados, por outro lado, mal começaram: temos, como melhor exemplo, o assim chamado Castro de Zambujal, no concelho de Torres Vedras, e o Castro de Vila Nova de São Pedro (V.N.S.P.), no concelho de Azambuja, que são os melhor conhecidos na região ao Norte do Tejo. Enquanto o Castro de Zambujal foi muito bem escavado, o Castro de V.N.S.P.

teve um triste destino: foi escavado segundo métodos que hoje não seriam aceitáveis, o espólio dispersou-se e, ou não está publicado, ou o que foi é discutível.

Os resultados das investigações nestes povoados, mas também em outras estações da Estremadura e Ribatejo, são válidos para o concelho de Alenquer, pois a distância é pequena e desde sempre se inseriu este concelho no ambiente geográfico e cultural destas duas Províncias.

Sendo assim, podemos resumir os nossos conhecimentos acerca do Calcolítico e da C.V.C. da seguinte maneira:

— Os povoados do Calcolítico e da C.V.C. são idênticos: trata-se de povoados, tendo sido fortificados com complexos sistemas de muralhas e bastiões.

— O início destes povoados fortificados representa para os pré-historiadores, o início do Calcolítico, podendo distinguir-se, pelo menos, quatro fases, caracterizando-se cada fase pelo seu próprio estilo cerâmico:

FASE 1: com cerâmica lisa, sendo fósil director o prato plano, de grande diâmetro; esta fase representa o início dos povoados fortificados, embora não se saiba ao certo se a metalurgia do cobre já era praticada;

FASE 2: com cerâmica lisa e decorada, do tipo da assim chamada «cerâmica de importação»⁽²⁾; é provável, mas ainda não comprovado, o início das metalurgias do cobre e do ouro, nesta fase.

FASE 3: com cerâmica lisa e decorada, do tipo da assim chamada «folha de acácia»; o início das metalurgias do cobre e do ouro está comprovado;

FASE 4: com cerâmica lisa de formas ainda mal conhecidas, por toda a atenção se ter concentrado na aparição da C.V.C. que se verificou nesta última fase de vida dos povoados fortificados. O desenvolvimento estilístico da cerâmica campaniforme permite, por sua vez, uma subdivisão desta última fase. A metalurgia recebeu, por parte dos portadores da C.V.C., um forte impulso e desenvolveu-se rapidamente.

Para esta simplificação das fases dos povoados fortificados baseamo-nos, por enquanto, unicamente na variação dos estilos cerâmicos, porém não se exclui a hipótese de que, localmente, a «cerâmica de importação» e a do tipo «folha da acácia» possam ser parcialmente contemporâneos. Considera-se aqui, porém, esta questão secundária e trabalharemos com as regras gerais delienadas.

É na 4.ª fase do Calcolítico que se manifesta a presença dos portadores da C.V.C. que, segundo datações ¹⁴C, surgiram a partir de c. de 2.500 a.C. em Portugal, desaparecendo c. de 2.100 a.C.,⁽³⁾ certamente em consequência de aculturação no princípio da Idade do Bronze, a qual transformaria todas as sociedades europeias.⁽⁴⁾

A C.V.C., e tomando mais uma vez a sua cerâmica como fósil director, pode ser subdividida em quatro fases resumidas a seguir, para que se possa analisar, em consequência, a sua presença — ou ausência — no concelho de Alenquer:

FASE 1: É caracterizada pela existência de estilos cerâmicos ditos «internacionais», como os chamados estilos AOO ou AOC, onde incluo também o «estilo marítimo» ou «paneuropeo», i.e. com faixas de traços oblíquos paralelos.

FASE 2: A cerâmica da C.V.C. conhece, nesta fase, um desenvolvimento regional, seguindo ou desenvolvendo cada região os primeiros estilos locais, seguindo porém a tradicional técnica de decoração com impressões de «pentes».

FASE 3: A cerâmica da C.V.C., seguindo a tendência regionalista da fase anterior, desenvolve novas formas e maior independência na sua decoração, agora feita na técnica de incisões.

FASE 4: A cerâmica da C.V.C. tem tendência para ficar sem decoração nenhuma, mantendo-se certas formas tradicionais anteriormente desenvolvidas. A cerâmica desta fase deixa de ser o fóssil director para se reconhecer a presença da C.V.C., adquirindo esta função certos utensílios de osso e metal, tais como pontas de Palmela, jóias de outro ou botões de osso.

Dadas estas explicações prévias, vamos apresentar todos os achados da C.V.C. do concelho de Alenquer, como a típica cerâmica, artefactos de osso ou de metal.

CATÁLOGO DAS PEÇAS

I — Pedra de Ouro (Est. 2 a 5)

Situação: O castelo calcolítico da Pedra de Ouro situa-se a c. de 80 m a NW da aldeia homónima, num esporão calcáreo que domina o vale percorrido pelo Ribeiro de Santana da Carnota. Pertence à freguesia de Santo Estêvão de Alenquer, da qual dista c. de 3250 m. em linha recta, para SW.

Tipo de estação: Trata-se de um povoado fortificado do Calcolítico semelhante ao de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Foi descoberto e parcialmente escavado por Hipólito Cabaço, em 1934, e mais tarde por E. Barbosa, antes que V. Leisner e H. Schubart retomassem, em 1965, a sua exploração.

Achados: Publica-se a seguir, todos os achados da C.V.C. guardados no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Museu do Carmo, Lisboa) e no Museu Municipal Hipólito Cabaço, em Alenquer. Além destes achados foram encontrados os seguintes tipos de artefactos: — artefactos de cobre, como punções e machados; segundo Spindler (1981, 232) encontra-se no Museu do Carmo, além dos botões, também um punhal de cobre («Griffzungendolch»), parece que do tipo relacionado com a C.V.C., o qual, porém, não se localizou;

- artefactos de pedra, como machados, lâminas e pontas de seta de sílex; artefactos de calcáreo;
- instrumentos de osso;

— cerâmica lisa e decorada, tipo «folha de acácia» e «cerâmica de importação»; V. Leisner e H. Schubart (1966, Abb. 11) publicaram igualmente quatro vasos que eram as oferendas da sepultura duma criança de nove anos, encontrada dentro do povoado; esta cerâmica data do fim da Idade do Bronze, ou possivelmente, do início da Idade do Ferro. O vaso da Abb. 11, 1, da citada publicação, na forma como aparece ali desenhado não existe, pois devido à tentativa infeliz de restauro ficou desfigurado, não devendo servir para qualquer comparação ou datação. Feita esta restrição remetemos o leitor para a publicação de V. Leisner e H. Schubart, para verificação do conjunto de achados deste povoado.

Achados da C.V.C.: No Museu do Carmo encontram-se 5 botões de osso, um deles fracturado, os outros quase completamente intactos. Um disco de osso, com uma única perfuração no seu centro, não se pode atribuir à C.V.C., porém publica-se aqui também, para desfazer eventuais dúvidas acerca do seu aspecto. Todos os outros achados da C.V.C. estão no Museu de Alenquer e são aqui agrupados segundo o seu estilo decorativo.

Botões (sem número de inventário): todos pertencem, devido a seus apêndices, ao «tipo tartaruga», embora a diferente forma destes apêndices aconselhe estabelecer, dentro deste grupo geral, vários sub-grupos, ou sub-tipos, cada um dos quais deveria receber o seu nome específico:

- 1 (Est. 2, 1) Intacto; compr.: 2,4 cm; larg.: 1,6 cm; espe.: 0,4 cm.
- 2 (Est. 2, 2) Intacto; com apêndices levemente indicados; compr.: 2,6 cm; larg.: 2,1 cm; esp.: 0,75 cm; tem duas perfurações em «V», por ter ficado inutilizado após fractura da ponte da primeira perfuração.
- 3 (Est. 2, 3) Ligeiramente danificado no corpo, e com uma perfuração em «V»; compr.: 3,0 cm; larg.: 1,8 cm; esp.: 0,45 cm.
- 4 (Est. 2, 4) Faltam as duas extremidades e parte do corpo; compr.: 3,3 cm; o comprimento da reconstituição ultrapassa os 4 cm; larg.: 2,15 cm (na reconstituição gráfica); esp.: 0,65 cm.
- 5 (Est. 2, 5) Intacto; compr.: 3,35 cm; larg.: 1,8 cm; esp.: 0,6 cm.
- 6 (Est. 2, 6) Disco de osso, redondo, plano, com uma perfuração no seu centro; intacto; diâmetro ext.: 1,5 cm; esp.: 0,25 cm; esta peça não pertence à C.V.C.

Cerâmica da C.V.C.

Nota: Material inédito, caso não esteja acompanhado de referência bibliográfica.

A — Cerâmica tipo «AOO» (Est. 2)

- 1 (Est. 2, 7) 4 fragmentos dum grande vaso campaniforme com decoração impressa de matriz denteada; 3 destes fragmentos juntam-se, o quarto pertence ao fundo; a decoração distingue-se de todos os outros fragmentos campaniformes, pelo que a atribuição do quarto fragmento está fora de dúvida; n.º de inv.: bordos: 1263/1; 1263/25 + 1264/3; fundo: 1263/26; diâmetro do bordo: c. de 16,5 cm; esp. do bordo: 0,35 cm; esp. da parede: 0,3 - 0,6 cm; cor: ext. e int.: castanho; centro: preto; superfície polida; alguns minúsculos fragmentos do mesmo vaso não foram considerados por não alterarem o que se disse. Vaso inédito.
- 2 (Est. 2, 8) 2 pequenos fragmentos que se juntam: n.º de inv.: 2010/2 e 1265/15; decorados por 5 linhas duplas, impressas, de matriz denteada; esp.: 0,3-0,5 cm; cor: ext., centro e int.: cor de tijolo; agl.: areia; bem polido no ext. e no int. Faz parte dum vaso campaniforme. — Public.: V. Leisner e H. Schubart, Abb. 13, 33.
- 3 (Est. 2, 9) 1 fragmento do corpo dum vaso campaniforme, decorado por 3 linhas horizontais impressas; esp.: 0,6 - 0,7 cm; cor: ext.: bege; centro e int.: castanho escuro; agl.: areia; sem n.º de inventário.
- 4 (Est. 2, 10) N.º de inv.: 1263/3; pequeno fragmento com decoração impressa; esp.: 0,4-0,5 cm; cor: ext.: castanho; centro: vermelho/castanho; int.: cor de tijolo; agl.: areia.
- 5 (Est. 2, 11) 2 pequenos fragmentos do fundo dum vaso campaniforme, decoração impressa obtida com matriz denteada de 20 dentes; a matriz tinha um comprimento de 2,5 cm; estes fragmentos *não* pertencem ao vaso da Est. 2, 7. — N.º de inv.: 1245/42 e 1264/20; esp.: 0,45 - 0,5 cm; cor: ext. e int.: cor de tijolo; centro: cinzento escuro; agl.: areia, bem polido no interior.

B — *Estilo marítimo* (Est. 3, 1-13)

- 1 (Est. 3, 1) N.º inv.: 1292; vaso campaniforme conservado em mais de 20 fragmentos que perfazem c. de 4/5 do total; diâmetro do bordo: c. de 13 cm; o péssimo restauro não permite tomar uma medida mais exacta, pelo que indicamos aqui as medidas que nos parecem ser as mais correctas; altura: 11,2 cm; diâmetro do fundo plano: 6,3 cm; espessura do bordo: 0,35 cm; esp. da parede 0,5 cm; cor: irregular por deficiência da cozedura; ext.: num lado castanho escuro, noutro vermelho; int.: castanho; centro castanho escuro; decoração impressa com matriz denteada; é de forma irregular.
- 2 (Est. 3, 2) N.º inv.: 1263/12; 1 pequeno fragmento do bordo de uma caçoila (?), pois a inclinação, a forma do lábio, a espessura da parede e, especialmente, a maior largura da banda decorativa são mais típicas de caçoilas do que de vasos campaniformes; esp. do bordo: 0,55 cm; esp. da parede: 0,6 cm; superfície polida; cor: ext. e int.: bege; centro: vermelho e preto; agl.: rocha.
- 3 (Est. 3, 3) N.º inv.: 1264/5; é fragmento dum vaso campaniforme; mostra duas faixas, a superior muito danificada; esp.: 0,5-0,55 cm; cor: ext.: vermelho/castanho; centro: preto; int.: vermelho/cinzento («sandwich»); agl.: areia.
- 4 (Est. 3, 4) N.º inv.: 1263/18; 1 fragmento dum vaso campaniforme; decoração: 4 faixas, as duas superiores porém quase irreconhecíveis; esp.: 0,4-0,55 cm; cor: ext.: vermelho/castanho; centro e int.: preto; ext. e int. polidos; agl.: areia (V. Leisner e H. Schubart, Abb. 13, 29?).
- 5 (Est. 3, 5) N.º inv. 1264/7; pequeno fragmento dum vaso marítimo impresso; esp.: 0,4-0,55 cm; cor: ext.: bege; centro: cinzento; int.: preto; alg.: areia.
- 6 (Est. 3, 6) N.º inv.: 1264/7; pequeno fragmento dum vaso marítimo impresso e pouco cuidado; esp.: 0,5 cm; cor: ext.: bege; centro e int.: preto; agl.: areia.
- 7 (Est. 3, 7) N.º inv.º 2010/3; pequeno fragmento; decoração impressa; esp.: 0,5-0,6 cm; cor: ext. e int.: vermelho-castanho; centro: vermelho/cinzento/vermelho (Sandwich); agl.: areia.
- 8 (Est. 3, 8) N.º inv.: 2010/1; pequeno fragmento com 1 banda; decoração impressa; esp.: 0,6-0,7 cm; cor: ext. e int.: vermelho de tijolo, polido; centro: preto; agl.: areia.
- 9 (Est. 3, 9) N.º inv.º: não conservado; pequeno fragmento; decoração impressa; esp.: 0,6 cm; cor: ext.: cor de tijolo; centro: castanho; int.: castanho escuro; agl.: areia.
- 9 (Est. 3, 9) N.º inv.: não conservado; pequeno fragmento; decoração impressa; esp.: 0,6 cm; cor: ext.: cor de tijolo; centro: castanho; int.: castanho escuro; agl.: areia.
- 10 (Est. 3, 10) N.º inv.: 1263/2; pequeno fragmento dum vaso marítimo, decoração impressa, com faixa inferior danificada; esp.: 0,6 cm; cor: ext. e int.: vermelho-castanho; centro: cinzento; agl.: areia.
- 11 (Est. 3, 11) N.º inv.: 1265/7; pequeno fragmento danificado; esp.: 0,4-0,5 cm; cor: ext.: vermelho/castanho; centro e int.: preto; agl.: areia.

- 12 (Est. 3, 12) N.º inv.: não conservado; pequeno fragmento com 3 faixas decorativas e onde, só na inferior, reconhecemos no seu enchimento alguma obliquidade; esp.: 0,5 cm; cor: ext.: cor de tijolo; centro e int.: castanho escuro; agl.: areia.
- 13 (Est. 3, 13) N.º inv.: 2010/4; pequeno fragmento dum vaso marítimo, decoração impressa, porém muito irregular; esp.: 0,4 cm; cor: ext., centro e int.: castanho; agl.: areia.

C — Estilo local com decoração impressa (Est. 3, 14-23; 4, 1-3; 5, 2)

- 1 (Est. 3, 14) N.º inv.: 1264/2; fragmento do bordo duma caçoila; esp.: 0,6 cm; cor: ext.: vermelho/castanho; centro: cinzento; int.: preto; agl.: areia; no ext. e no int. polido (V. Leisner e H. Schubart, Abb. 12, 11).
- 2 (Est. 3, 15) N.º inv.: 1281; são c. de 12 fragmentos que se juntam; foi pessimamente restaurado, como se vê na comparação com a figura publicada por V. Leisner e H. Schubart, Abb. 15, 1, que reproduz a forma após o restauro, enquanto o nosso desenho tenta o restauro gráfico do vaso original; falta o fundo; a faixa inferior da decoração, por ter ficado tapada pelo gesso, só agora foi reconhecida; os fragmentos conservados perfazem c. de 5/6 do bordo; diâmetro do bordo: c. de 10,4 cm; no ext. e no inte. polido; cor: ext.: castanho escuro; int.: vermelho-castanho; esp.: 0,4-0,5 cm.
- 3 (Est. 3, 16) N.º inv.: 1265/9; fragmento do bordo duma taça; esp. do bordo: 0,55 cm; a da parede: 0,7 cm; cor: ext. e int.: vermelho-castanho; centro: cinzento.
- 4 (Est. 3, 17) N.º inv.: 1260/7; pequeno fragmento do bordo duma taça sem decoração do bordo; esp. do bordo: 0,5 cm; esp. da parede: 0,7 cm; cor: ext. e int.: cinzento escuro; centro: vermelho/preto/vermelho (sandwich); agl.: areia.
- 5 (Est. 3, 18) N.º inv.: 1254/26; pequeno fragmento da zona inferior dum vaso muito pequeno; esp.: 0,2-0,4 cm; no ext. e no int. polido; cor: ext. e int.: castanho escuro; centro: vermelho-castanho; agl.: areia; foi mal publicado por V. Leisner e H. Schubart, Abb. 13, 26.
- 6 (Est. 3, 19) N.º inv.: 1264/11; esp.: 0,5 cm; cor: ext.: vermelho-castanho; centro e int.: cinzento; agl.: areia.
- 7 Est. 3, 20) N.º inv.: 1263/6; 1 fragmento duma grande taça(?); esp.: 0,6-0,7 cm; ext. e int.: polido; cor: ext.: cor de tijolo centro: cinzento; int.: preto; agl.: areia.
- 8 Est. 3, 21) N.º inv.: 1264/1; pequeno fragmento duma caçoila; esp.: 0,4-0,6 cm; cor: ext.: vermelho-castanho; centro e int.: preto; ext. e int.: polido, agl.: areia.
- 9 (Est. 3, 19) N.º inv.: 1264/11; esp.: 0,5 cm; cor: ext.: vermelho-castanho; centro e int.: cinzento; agl.: areia.
- 10 (Est. 3, 23) N.º inv.: 2010/6; esp.: 0,5-0,7 cm; cor: ext.: vermelho-castanho; centro: vermelho/cinzento (sandwich); int.: preto, agl.: areia.
- 11 (Est. 4, 1) N.º inv.: 1291; taça semiesférica, conservada em mais de 20 fragmentos e pessimamente restaurada, pelo que todas as medidas são pouco exactas; a notar a ausência dum

- onfalo; baixa qualidade de fabrico; altura: 9,2cm; diâmetro do bordo: 14,5 cm; esp. do bordo: 0,7 cm; esp. da parede 0,7-0,8 cm; cor: ext. e perto da base: castanho-escuro; perto do bordo: mais claro; centro e int.: castanho escuro; agl.: areia (V. Leisner e H. Schubart, Abb. 15,3).
- 12 (Est. 4, 2) N.º inv.: 1298; grande taça reconstituída de mais de 12 fragmentos, entre eles 8 do bordo; diâmetro do bordo: c. de 25,0 cm, por tanto um pouco maior do que na reconstituição defeituosa; falta a basa; como não podemos aceitar a reconstituição feita, tentamos corrigi-la no nosso desenho, resultando daí diferenças em relação à figura publicada por V. Leisner e H. Schubart, Abb. 14,2; esp. do bordo: 1,2 cm; o bordo está decorado; cor: ext.: vermelho-castanho; int.: cinzento-escuro; agl.: areia.
- 13 (Est. 4, 3) N.º inv.: 1301; taça reconstituída a partir de mais de 19 fragmentos, entre eles 8 do bordo; parece não ter tido um onfalo; no ext. e no int. polido; diâmetro do bordo: 21,0 cm; altura: 11,0 cm; esp. do bordo decorado: 1,0 cm; esp. da parede 0,6-0,7 cm; é irregular no fabrico; cor: ext. e int.: vermelho-castanho; centro: preto; agl.: areia (V. Leisner e H. Schubart, Abb. 14,1).
- 14 (Est. 5, 2) N.º inv.: 1296; conservado em c. de 17 a 19 fragmentos; diâmetro do bordo: 14,5 cm; altura: 8,0 cm; parece não possuir um onfalo; esp. do bordo: 0,6 cm; esp. da parede: 0,7 cm; cor: ext. e int.: castanho-escuro, polido; agl.: areia; todas as medidas, por causa do defeituoso restauro, entendem-se por aproximadas; decoração impressa com matriz denteadada; o bordo não está decorado; V. Leisner e H. Schubart, Abb. 15, 2.

D — Cerâmica não decorada (Est. 5, 1)

- 1 (Est. 5, 1) N.º inv.: 1294; copo com onfalo, conservado em mais de 10 fragmentos e mal reconstituído; diâmetro do bordo: 13,0 cm; diâmetro do onfalo: 3,0 cm; altura: 7,0 cm; superfície lisa, mas não polida; cor: ext. e int.: cinzento-escuro; agl.: areia esp. do bordo: 0,6 cm; esp. da parede: 0,7 cm; este copo não se pode atribuir com certeza à C.V.C. e apresenta-se aqui só como comparação (V. Leisner e H. Schubart, Abb. 11, 7).

Nota Final: Não nos foi possível identificar algumas das peças publicadas por V. Leisner e H. Schubart (1966), nomeadamente as peças de Abb. 13, n. 21, 24, 25, 28, 30, 31 e 32. Todas as outras peças publicadas, e desde que pertençam à C.V.V., foram identificadas, embora, às vezes, com certa reserva.⁵

BIBLIOGRAFIA

L. Ribeiro (s.a.): A. do Paço (1940; 1966); E. Barbosa (1956a; 1956b); V. Leisner (1965, 16); O. da Veiga Ferreira (1966, 24); V. Leisner e H. Schubart (1966); M. A. Horta Pereira (1970a); R. Harrison (1977, 142); T. Bubner (1977, 261); K. Spindler (1981, 260, N.º 117).

II — Porta da Conceição do Castelo de Alenquer (Est. 5, 6)

Situação: A Porta da Conceição formava um dos acessos do Castelo de Alenquer e situa-se a NE deste castelo, na margem direita do Rio de Alenquer. Por ter ficado soterrada pelas terras, possivelmente por causa de trabalhos de aterro nos níveis superiores do castelo, fez-se, nos anos de 1940/41, o restauro deste troço das muralhas medievais, desenterrando-se, nesta altura, a entrada já quase completamente coberta.

O Senhor Manuel Sabino, hoje guarda do Museu Municipal de Alenquer, encontrou, nesta altura, os fragmentos duma caçoila campaniforme numa profundidade de c. de um metro.

Esta descrição, e ainda o estado fragmentário da caçoila, indicam que ela tenha sido transportada, ou por causa das obras havidas no castelo, ou por causa da erosão ao longo dos milénios, do ponto mais alto da fortaleza medieval que se encontra a c. de 150 m. Supomos que no alto deve ter existido um povoado fortificado do Calcolítico, comparável ao da Pedra de Ouro.

O achado encontra-se depositado no Museu Municipal de Alenquer e foi publicado, pela primeira vez, por J.J. Fernando Gomes (1978).

Descrição do achado

(Est. 5, 6) N.º inv. 3125; caçoila campaniforme, conservada em 20 fragmentos, perfazendo c. de 1/8 da forma; decorada com impressões de matriz denteada; diâmetro do bordo: c. de 27 cm; bordo irregular; no ext. e no int. altamente polido; esp. do bordo: 0,5 cm; da parede 0,55-0,6 cm; cor: ext., centro e int.: castanho-escuro; há restos de incrustação branca nas impressões.

BIBLIOGRAFIA

M. A. Horta Pereira (1970, 11); L. de Matos (1971); T. Bubner (1977, 262); J. J. Fernandes Gomes (1978).

III — Castelo da Ota (Est. 5, 3-5)

Situação: O castelo calcolítico da Ota encontra-se a c. de 900 m a NW da freguesia da Ota, no lado direito do Rio da Ota, e num esporão limitado a três lados por este mesmo rio e pelo rio Soalheiro, do lado Sul. As coordenadas geodésicas são N 39°07'00'' e 0°08'00'' Este de Lisboa.

Esta estação foi descoberta, como tantas outras no concelho de Alenquer, por Hipólito Cabaço, em 1932. Foi parcialmente escavada por E. Barbosa.

Os achados aqui publicados encontram-se no Museu Municipal de Alenquer, porém os achados de E. Barbosa encontram-se no Museu do Instituto Antropológico «Dr. Mendes Corrêa», da Universidade do Porto.

Além dos achados do calcolítico existem instrumentos de cobre e de bronze que testemunham a contaminação da ocupação deste povoado em épocas da Idade do Bronze e provavelmente também em Idades posteriores.

Achados da C.V.C. (Est. 5, n.ºs 3 a 5)

- 1 (Est. 5, 3) N.º inv.: 1438/2; uma assim chamada «Ponta de Pragança», seguindo a terminologia proposta por R. Harrison (1977), que designou desta forma a sub-classe de Pontas de Palmela; compr.: 9,5 cm, porém faltam c. de 3 mm da ponta do espigão, pelo que o comprimento original deve ter tido c. de 9,7-9,8 cm; largura máxima: 1,8 cm; espessura máxima: 0,3 cm; peso: 15,3 g.
- 2 (Est. 5, 4) N.º inv.: 4989/10; pequeno fragmento da zona da base do vaso campaniforme, decorado com impressões de matriz denteada; estilo AOO; as linhas são porém bastante irregulares; esp.: 0,4 cm; cor: ext. e int.: bege; centro: cinzento-escuro; foi bem cozido.
- 3 (Est. 5, 5) N.º inv.: 1644/34; pequeno fragmento da zona inferior dum vaso campaniforme; decoração incisa; esp.: 0,4-0,5 cm; cor: ext.: bege ou cor de tijolo; centro: vermelho/cinzento; int.: cinzento-escuro; ext. e int.: alisado; agl.: areia.

BIBLIOGRAFIA

Castillo (1943. 407); E. Barbosa (1956a. 1956b); M. A. Horta Pereira (1970a; 1970b); R. Harrison (1977, 142ss.); T. Bubner (1977, 260); K. Spindler (1981. 231ss e 259).

IV — Alto da Cova da Raposa (Est. 6)

Lugar e circunstância dos achados

No Museu Municipal de Alenquer estão guardados 3 vasos lisos que segundo as informações obtidas foram encontrados, em data desconhecida, por Hipólito Cabaço. Só se sabe que provêm da zona do Alto da Cova da Raposa, um monte de 272 metros de altitude, e que se encontra a c. de 2500 m a SW de Alenquer, pertencendo à freguesia de Santo Estêvão de Alenquer.

Devido ao bom estado de conservação das peças, e ao aspecto do tratamento e da cor do barro, iguais em todos os vasos, e tratando-se de um vaso campaniforme, de uma caçoila e de uma taça, portanto o clássico conjunto de oferendas de uma sepultura individual da C.V.C., concluimos que estes achados formam parte de um conjunto e foram encontrados numa sepultura, possivelmente efectuado dentro duma gruta natural.

Dado o nome do cabeço, quisemos verificar a existência, no terreno, da Cova da Raposa, porém não nos foi possível encontrar pessoas que naquela área conhecessem uma gruta com este ou com outro nome. Perto da aldeia dos Refugiados, porém, (Freg. Cadafais) e a c. de 50 m da conhecida Caverna dos Refugiados, um habitante do lugar do Casal do Caldeirão indicou-nos uma pequena gruta, mais propriamente um abrigo, que, segundo ele, chama-se «Gruta da Raposa». Numa visita ao local não detectámos qualquer indício duma escavação ou outros vestígios arqueológicos, pelo que continua por resolver a proveniência exacta destes achados. Resta referir que a citada gruta se encontra a c. de 2 km a Sul do Alto da Cova da Raposa, portanto já afastada.

Os achados (Est. 6)

- 1 (Est. 6, 1) N.º inv.: 1718; trata-se de um vaso campaniforme intacto embora sem decoração; falta só um pequeno fragmento do bordo; altura: 11,9-12,8 cm; diâmetro do bordo: 10,1-10,2 cm; diâmetro do bojo: 11,5 cm; esp. do bordo: 0,5 cm; esp. da parede: 0,55 cm; cor: ext., centro e int.: vermelho acastanhado; ag. areia.
- 2 (Est. 6, 2) N.º inv.: 1720; caçoila intacta, embora partida em duas metadas; é, como o vaso campaniforme, extremamente irregular, com a superfície não polida; sem decoração; ausência de onfalo; altura: 8,3-8,5 cm; diâmetro do bordo: 11,2-11,6 cm; esp. do bordo: 0,6 cm; esp. da parede: 0,6 cm; cor: ext. e int.: vermelho acastanhado; núcleo: cinzento escuro; agl.; areia.
- 3 (Est. 6, 3) N.º inv.: 1719; grande fragmento duma taça típica da C.V.C., perfazendo c. de um quarto de vaso; falta o fundo; sem decoração; diâmetro do bordo: c. de 21-22 cm; esp. do bordo e da parede: 0,65 cm; cor: ext. e int.: cinzento-escuro, com tendência para o vermelho; agl.: areia e quartzo; peça mal trabalhada.

V — Gruta dos Refugidos (Est. 7 e 8)

Situação: A Gruta dos Refugidos fica a c. de 4 km a SSW de Alenquer. Pertence à freguesia de Cadafais e à aldeia dos Refugidos, e encontra-se nas imediações do lugar do Casal do Caldeirão. Encontramos esta gruta na margem esquerda da Ribeira de Santana da Carnota, e a c. de 25 m da estrada, ao lado esquerdo, que liga a aldeia dos Refugidos aos Cadafais, numa pequena vertente íngreme.

Foi descoberta por Hipólito Cabaço, em 1932, e escavada, na mesma altura, por Francisco Raposo Sousa de Alte. Os achados feitos nunca foram publicados no seu conjunto, nem apresentados os resultados das escavações. Sabemos, apenas, que se trata de uma gruta aproveitada para enterramentos colectivos durante o Calcolítico, pois encontrou-se, além da cerâmica calcolítica, um cilindro de calcáreo típico daquela época.

Os achados encontram-se hoje no Museu do Instituto Antropológico «Dr. Mendes Corrêa», da Universidade do Porto, onde se encontram, além do referido cilindro de calcáreo, os dois vasos da estampa n.º 7. Os achados da Est. 8 encontram-se no Museu Municipal de Alenquer.

Dada esta situação, mas também devido a Mendes Correia (1928) que julgou tratar-se de uma estação da C.V.C., pensamos ser útil apresentar aqui todos os achados acessíveis ao estudo para permitir uma avaliação mais correcta desta estação pré-histórica.

Os achados contemporâneos da C.V.C.

A cerâmica é dividida em dois grupos: o primeiro (Est. 7, 1 e 2, Est. 8, 1 e 2) data do Calcolítico; nenhum destes vasos se pode atribuir à C.V.C., somente no caso da caçoila (Est. 7, 1) existe a hipótese de que possa ter pertencido ao *package* cultural da C.V.C., porém na ausência de outros indícios mais esclarecedores devemos abster-nos de qualquer opinião; o segundo grupo, composto pelos fragmentos que publicamos na Est. 8, 3 e 4, mostra vasos que tipologicamente não podem ser datados no Calcolítico. Afigura-se-nos, como datação mais provável deste grupo, a Idade do Ferro. Apesar destas restrições e da impossibilidade de ligar estes achados à C.V.C., aproveitamos esta oportunidade para publicar todo o conjunto na esperança que assim se veja, com toda a clareza, que futuramente esta estação não deve ser inserida na lista das estações da C.V.C.

- 1 (Est. 7, 1) Pequena caçoila intacta, sem decoração nem onfalo; diâmetro do bordo; 10,2 cm; altura: 9,1 cm; cor: ext. e int.: castanho.
- 2 (Est. 7, 2) Taça aberta, da qual falta parte da base; sem decoração; diâmetro do bordo: 40,0 cm; altura original: c. de 11,5 cm; esp. do bordo: 1,2 cm; cor: ext. e int.: castanho.
- 3 (Est. 8, 1) N.º inv.: 1731; pequeno cálice conservado numa única peça; é comparável, no tratamento da superfície e na cor com o n.º 4; feito à mão, sem decoração; tem pé maciço, embora só conservado em 2/5; no bordo mostra, num lado, um lábio rebaixado, indicando

- que este cálice serviu para beber; diâmetro do bordo: c. de 8,9 cm; altura: c. de 5,3 cm, porém só 4,8 cm na parte do lábio rebaixado; faltam grandes partes do bordo e do pé, porém, mesmo assim, parece ter continuado a servir, como sugerem os traços de uso na parte do bordo fracturado; esp. do bordo: 0,5 cm; diâmetro do pé: c. de 5,6 cm; no lado mais estreito do gargalo: 2,6 cm; cor: ext. e int.: castanho-escuro, polido; agl.: areia, tamanho médio.
- 4 (Est. 8, 2) N.º inv.: 1732; copo liso e intacto; feito à mão; porém irregular; espessura variada, superfície polida, altura: 5,1-5,6 cm; diâmetro do bordo: 15,7-15,9 cm; esp. do bordo: 0,5 cm; esp. da parede: 0,5-0,8 cm; cor: ext. e int.: castanho; centro: cinzento; agl.: areia de quartzo, tamanho grande.
- 5 (Est. 8, 3) N.º inv.: 9138/13; fragmento do bordo dum vaso fechado; sem decoração; superfície lisa, de forma pouco cuidada; diâmetro do bordo: c. de 9,0 cm; esp. do bordo: 0,75 cm; esp. da parede: 0,9-1,4 cm; cor: ext. e int.: cor de terra; núcleo: castanho; agl.: areia e rocha moída.
- 8 (Est. 8, 4) N.º inv.: 1938/12; fragmento do bordo dum vaso fechado, semelhante à peça anterior, porém de forma maior; diâmetro do bordo: c. de 14 cm; esp. do bordo: 0,7 cm; esp. da parede: 0,55-0,75 cm; cor: ext., núcleo e int.: castanho-escuro; agl.: areia; bem cozido; superfície lisa, mas não polida.

BIBLIOGRAFIA

Athayde (1933); A. Mendes Correia (1928, 127 e 138); K. Spindler (1981, 261).

Análise das estações

Embora se conheçam só quatro estações da C.V.C. dentro do concelho de Alenquer, nem por isso vamos deixar de tentar analisar quais os tipos característicos de povoados ou de enterramentos dos portadores desta cultura. Para isso convém relembrar o carácter especial da C.V.C., dado que os seus portadores, vivendo sempre em minoria e em simbiose com os portadores das várias culturas indígenas, não dispunham de povoados próprios. E mesmo nos costumes funerários notamos de que os portadores da C.V.C. nunca construíram os túmulos colectivos (antas, hipogeus) nos quais sepultaram os seus mortos, aproveitando antes os lugares de enterramentos feitos ou usados pelos indígenas.

Dadas estas características, a nossa interrogação, acerca de povoados ou lugares de enterramento dos portadores da C.V.C. é sempre sinónima à procura dos povoados e túmulos dos portadores das culturas indígenas.

Das quatro estações conhecidas — Pedra de Ouro, Alto da Cova da Raposa, Ota e Porta da Conceição — duas, Pedra de Ouro e Ota, são povoados fortificados do mesmo tipo dos de Zambujal (Torres Vedras) ou de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Trata-se de castelos calcolíticos conhecidos em todo o Sul de Portugal, e para além disso, em Espanha e em todos os outros países ribeirinhos do Mediterrâneo.

Só no caso do castelo da Pedra de Ouro se conhecem restos de muralhas dos achados característicos que nos indicam estarmos na presença dum povoado calcolítico em tudo semelhante ao de Pedra de Ouro, de onde dista aliás só 8 km em linha recta.

Somamos a estes dois povoados calcolíticos também o Alto do Castelo de Alenquer, de onde provém, muito provavelmente, o fragmento campaniforme encontrado na Porta da Conceição. Embora neste último caso não se devam ter conservado troços das muralhas da Idade do Cobre, pois este lugar sofreu profundas modificações em tempos posteriores, há que mencionar o achado ocasional, como há pouco se disse, de instrumentos de sílex, testemunhando, embora indirectamente, a presença dum povoado calcolítico⁶.

Estas três estações mostram, claramente, a preocupação dos seus habitantes na escolha de lugares de habitação em terreno fácil de defender, em montes isolados (Alenquer) ou em esporões (Pedra de Ouro e Ota). São cabeços de baixa altitude: 152 m (Ota), 109 m (Alenquer) e 238 m (Pedra de Ouro), ficando, no entanto, todos eles 70 a 90 m acima dos vales que dominavam. Torna-se assim evidente a necessidade sentida dos seus habitantes de uma certa proximidade das terras de lavoura e de pastorície, mesmo quando habitavam, por razões de segurança, em lugares defendidos.

Os portadores da C.V.C. viviam nestes povoados descritos onde, no entanto, e a julgar pela quantidade de objectos atribuídos a esta cultura, e em contraste com a grande massa de objectos da cultura indígena, formavam apenas uma pequena colónia. Dada a ausência de investigações arqueológicas, não estamos informados sobre o modo de vida dos portadores da C.V.C. dentro destes povoados, e se este modo diferia grandemente do dos indígenas.

O tipo de enterramento

Como já foi dito, os portadores da C.V.C. sujeitavam-se, na escolha do lugar de enterramento dos seus mortos, aos costumes dos indígenas. Assim se explica que encontremos as típicas oferendas da C.V.C. nos túmulos colectivos da época do Calcolítico: em hipogeus, toloi ou grutas naturais aproveitadas para este efeito. Dada a natureza geológica dos terrenos de Alenquer, abundando o calcáreo, há que contar com numerosas grutas, das quais poucas, porém, foram investigadas.

No vale do Ribeiro de Santana da Carnota situa-se a gruta dos Refugidos, gruta natural com a entrada virada para o SW. Devido à pouca distância do castelo calcolítico da Pedra de Ouro, c. de 3 km, seguindo o vale do referido ribeiro, não se pode esperar ter sido esta gruta o lugar de enterramento dos habitantes deste castelo. Efectivamente só se verificaram poucos achados do Calcolítico na gruta dos Refugidos, porém em número suficiente para confirmar o uso desta gruta como lugar de enterramento, embora não dos portadores da C.V.C.

Os achados do Alto da Cova da Raposa constituem, sem nenhuma dúvida, as oferendas duma sepultura campaniforme, possivelmente efectuada dentro de uma gruta natural. É de lastimar que não se conheça o lugar exacto dos achados e que não se saiba nada acerca das circunstâncias em que foram feitos.

O achado dum conjunto de 3 vasos, com esta forma no Alto da Cova da Raposa, já foi observado, num contexto da C.V.C., noutras áreas da Península Ibérica (Est. 9). Compõe-se este conjunto sempre de um vaso campaniforme, de uma caçoila ou vaso de forma parecida, e de um copo. Conhecemos paralelos da gruta de Porto Covo (Cascais; R. Harrison, 1977, 106); da tolos de Pedra Branca (Grândola; Ferreira e Leitão, 1981, 190s.); e de Espanha: do túmulo megalítico de Teriñuelo (Salamanca; R. Harrison, 1977, 162); da sepultura individual da C.V.C. de Pago de la Peña (Zamora; R. Harrison, 1977, 161s.); da sepultura individual de Pájaros de Adaja (Ávila; R. Harrison, 1977, 165); da sepultura individual da Cueva de la Vaquera (Segóvia; R. Harrison, 1977, 166); da sepultura individual de Los Retajones (Segóvia; G. Delibes de Castro, 1979); da sepultura individual de Fuente-Olmedo (Valladolid; Martin Valls e Delibes de Castro, 1974); dos silos com enteramentos de Ciempozuelos (Madrid; J. Facundo Riaño, J. de Dios de la Rada y Delgado, e J. Catalina Garcia, 1894); e, embora não tão evidente como nos casos citados anteriormente, da Cova dels Gats (Valencia; R. Harrison, 1977, 201), onde, numa gruta natural, se encontraram um vaso campaniforme e duas caçoilas.

As citadas estações têm em comum o número de vasos que formavam as oferendas de sepulturas individuais de portadores da C.V.C. Coincidem também no tipo de vasos campaniformes, uma taça — ou um copo — e uma caçoila. Reconhecemos este ritual de oferendas com mais nitidez na Meseta setentrional, numa região onde dominava o costume da sepultura individual em fossa, mas parece que nas regiões do Ribatejo e da Estremadura também existia um núcleo campaniforme com um rito funerário parecido — embora não se conheça aqui o costume da sepultura individual isolada.

Não pensamos que entre o grupo português e o da Meseta haja identidade de grupo, pois verificamos a ausência deste tipo de conjuntos na zona geográfica entre estes núcleos, nomeadamente nas Beiras, e também há que reconhecer as diferenças estilísticas entre o grupo português e o grupo espanhol. É porém interessante anotar que ambos os grupos se distinguem claramente, quer dos costumes funerários da C.V.C. do Sul da Península Ibérica, onde dominava o costume da oferenda constituído por um, mas preferencialmente por dois vasos campaniformes, quer do Norte da Península, onde os mortos da C.V.C. receberam como oferenda um único vaso.

ANÁLISE DOS ACHADOS

Botões de osso

Os cinco botões de osso encontrados no castelo da Pedra de Ouro pertencem todos ao tipo geralmente chamado «botão tartaruga». Nesta análise tipológica pensamos, no entanto, que as diferenças entre os botões aqui publicados, impõem uma subdivisão em dois grupos: o primeiro (Est. 2, n.os 3, 4, 5), com apêndices relativamente grandes, pelo que o comprimento ultrapassa a largura sempre em mais de 50%; mantemos para este tipo de botão o nome de «botão tartaruga»; o segundo grupo (Est. 2, n.os 1 e 2), com apêndices apenas ligeiramente indicados, mantendo-se a forma do corpo central ligeiramente ovalado, ultrapassando o comprimento a largura nunca mais do que em 50%; chamaremos a este tipo «botão restolho».

Enquanto os botões tartaruga se conhecem em várias estações, não só do centro de Portugal, mas também do Sul de França e de regiões adjacentes da Espanha, conhecemos os «botões restolho» somente de mais duas estações: dos hipogeus de Alapraia (Cascais; V. Leisner 1965, 93ss.) e de Acebuchal (T. Bubner, 1977, 921).

Neste momento não sabemos se os dois tipos de botões reflectem diferenças cronológicas ou não, pelo que temos que aguardar os resultados de futuras escavações.

Cerâmica

Do ponto de vista decorativo devemos distinguir entre:

- cerâmica campaniforme não decorada (Alto da Cova da Raposa e, eventualmente, gruta dos Refugidos);
- cerâmica com decoração impressa por matriz denteada (Castelo da Pedra do Ouro; Castela da Ota; Porta da Conceição);
- cerâmica incisa (só 1 fragmento do Castelo da Ota).

Como já ficou dito anteriormente, a diferença de decoração reflecte muitas vezes também uma diferença cronológica, pelo que se torna provável que o Castelo da Ota conhecesse uma fase de

ocupação campaniforme posterior à do Castelo da Pedra do Ouro. Porém, também neste ponto, devemos repetir que só em futuras escavações podemos esperar obter alguns outros dados que confirmem — ou não — esta hipótese.

Do ponto de vista estilístico, devemos distinguir entre:

- cerâmica A00 (Pedra de Ouro, est. 2, 7-11; e do Castelo da Ota, est. 5, 4);
- cerâmica de estilo marítimo (Pedra de Ouro, Est. 3, 1-13); excluimos do estilo marítimo todas as peças que mostram como motivo faixas horizontais preenchidas com linhas cruzadas, como na peça da nossa Est. 3, n.º 14. Este motivo pertence sempre a uma fase mais avançada do desenvolvimento da C.V.C. e encontra-se quase exclusivamente em formas que, por sua vez, confirmam esta datação tardia, como em caçoilas ou taças.
- cerâmica de estilo local, com decoração impressa por matriz denteada (Pedra de Ouro, Est. 3, 14-23; 4, 1-3; 5, 2; Porta da Conceição, Est. 5, 6);
- cerâmica de estilo local, com decoração incisa: só conhecemos um único fragmento do Castelo da Ota (Est. 5, 5);
- cerâmica campaniforme lisa; o conjunto do Alto da Cova da Raposa (Est. 6).

As formas cerâmicas

Enquanto os estilos A00 e marítimo se encontram quase exclusivamente em vasos que deram o nome à C.V.C., os outros estilos locais decoram vasos com formas preferidas pelos indígenas. Assim encontramos estes estilos em caçoilas, taças e copos, embora não excluindo por completo o vaso campaniforme. No que diz respeito à diferença entre o vaso campaniforme e a caçoila — quando possuímos só um fragmento do bordo — é muitas vezes difícil, se não impossível, distinguirmos entre uma forma e outra, pelo que toda a comparação numérica deve respeitar esta dificuldade. A seguinte tabela é bastante elucidativa do que ficou dito:

N.º de exemplares	Estilo A00	Estilo marítimo	Estilo local impresso, matriz denteada
vaso campaniforme	2	11	—
caçoila	—	—	3
taça	—	—	4
copo	—	—	2
incerto	3	2	5
Total	5	13	14

Tabela 1: — Formas de vasos e estilos decorativos dos fragmentos campaniformes da Pedra de Ouro.

Cronologia

Os vários estilos da C.V.C. marcam o desenvolvimento desta cultura ao longo de vários séculos. A fase da primeira penetração da C.V.C. assinalada pela cerâmica com estilo A00 e estilo marítimo, enquanto a formação de estilos regionais conheceu, primeiramente, cerâmica impressa com matriz denteada, e mais tarde com decoração incisa. Não se sabe se a cerâmica campaniforme lisa é um fenómeno que acompanhou a C.V.C. ao longo da sua existência, ou se era um fenómeno que caracterizava a fase final desta cultura.

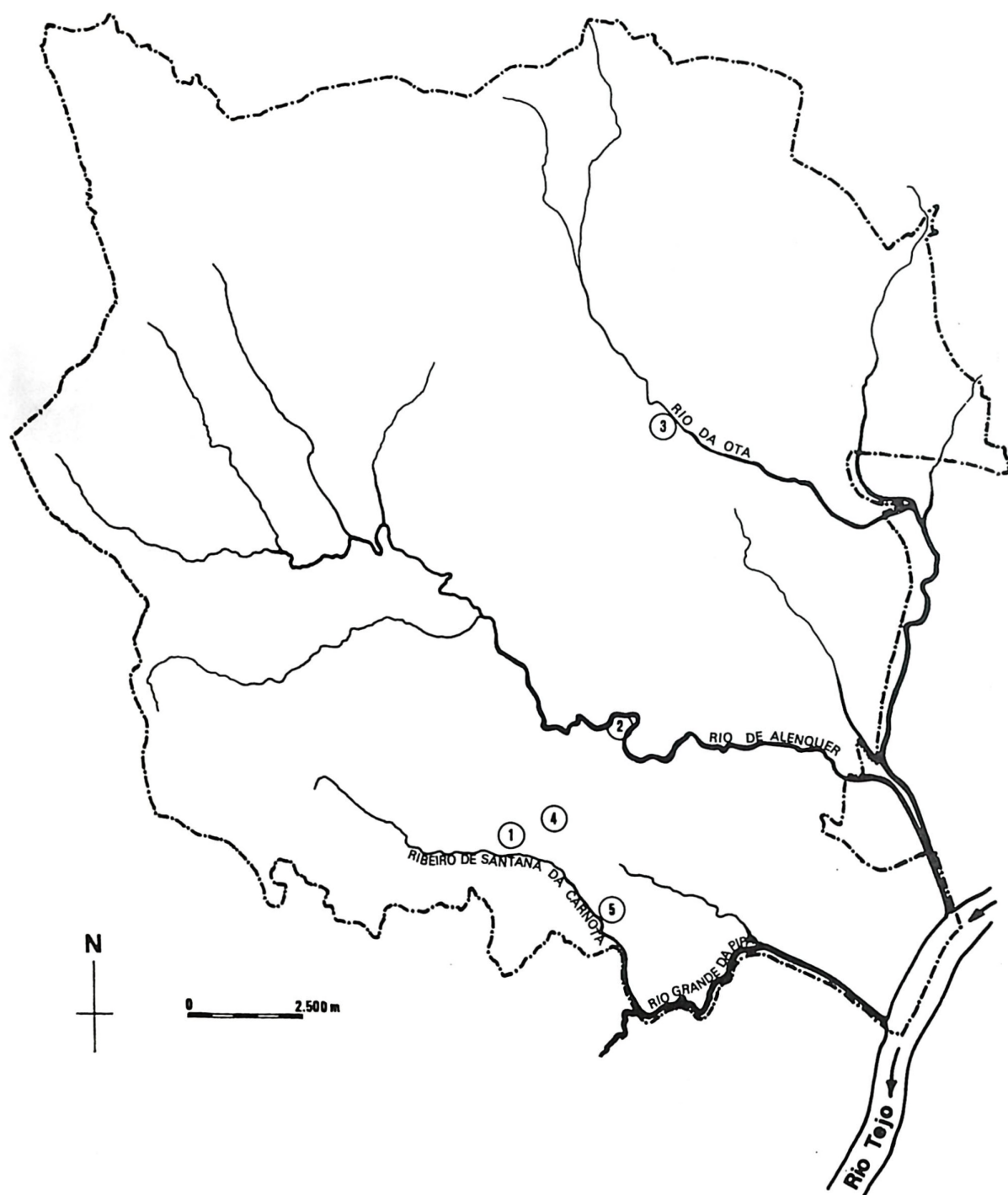
Com esta ordem dos vários estilos campaniformes estabelecidos podemos formar a hipótese de que o Castelo da Pedra de Ouro, por mostrar abundância de fragmentos A00 e marítimos, que no seu total superam os fragmentos decorados com estilo local, mas também pela ausência de cerâmica campaniforme incisa, deve representar um dos primeiros povoados indígenas, dentro da região de Alenquer, a ser contactado pelos portadores da C.V.C. Parece também ter sido abandonado por eles mais cedo do que outros povoados, porém, e mais uma vez, não podemos estar seguros desta afirmação enquanto não dispusermos de mais dados obtidos em futuras escavações.

NOTAS

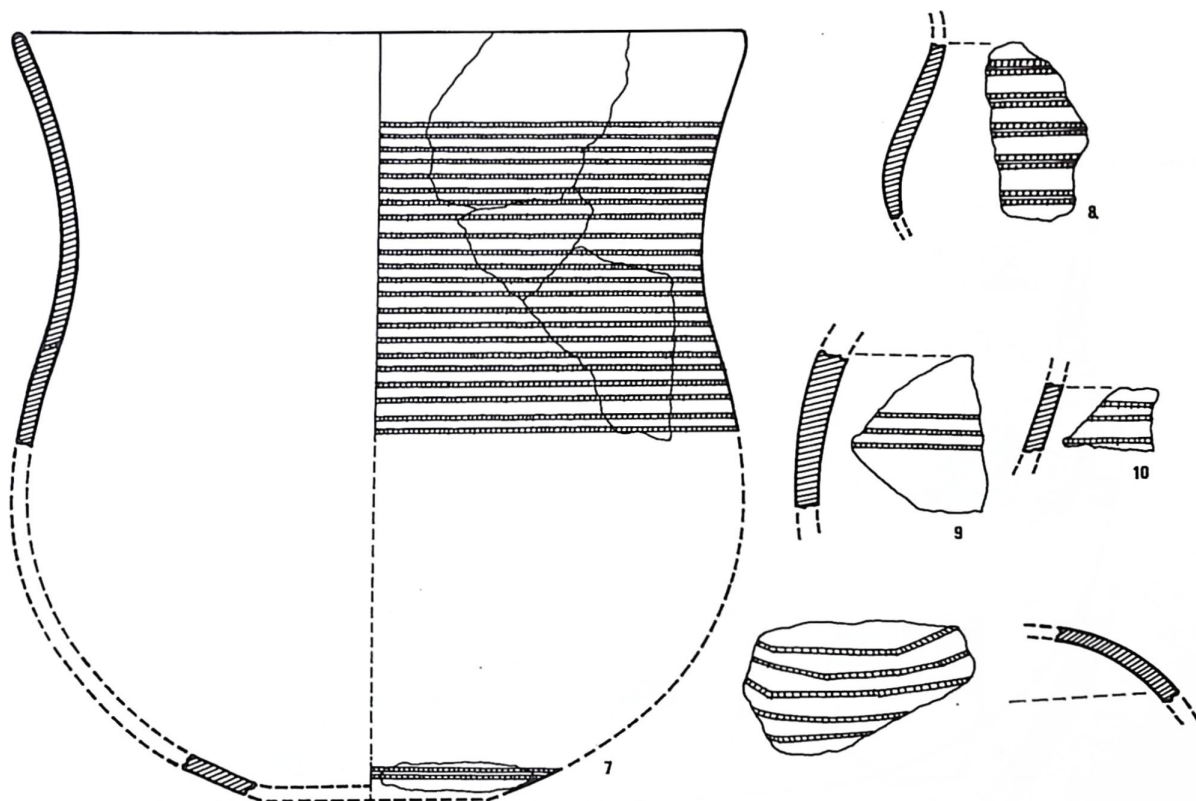
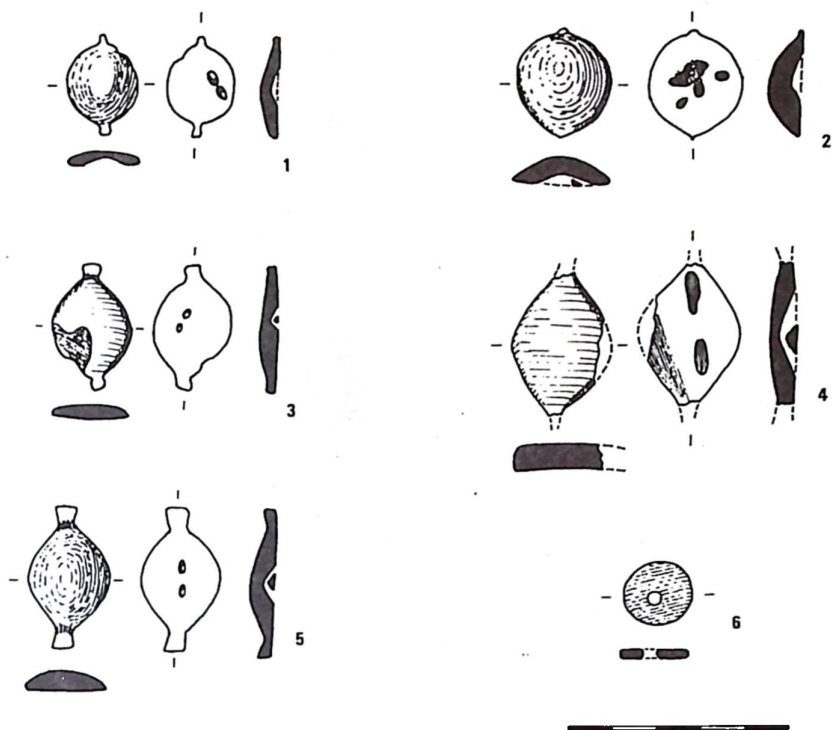
- ¹ Cumpre-me agradecer aqui as facilidades concedidas, na preparação deste estudo, pela Exma. Snra. Dra. D.^a Maria do Céu Rosário Costa, Directora do Museu Municipal «Hípólito Cabaço», de Alenquer, que me recebeu da maneira mais amável; os meus agradecimentos vão também para o Sr. Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos, que com o seu permanente apoio e estímulo deu uma ajuda valiosa e indispensável.
- ² Maria Amélia Horta Pereira Bubner, Cerâmica de Importação na Estremadura Portuguesa, *Ethnos* 8, 31-85.
- ³ Segundo datações calibradas.
- ⁴ Rejeito, portanto, a hipótese levantada por K. Spindler (1984-88), que admite a perduração da C.V.C. na região da Estremadura portuguesa até ao princípio do Bronze Atlântico. Tal hipótese baseia-se unicamente na ausência do reconhecimento duma cultura do Bronze Inicial e Médio nesta região.
- ⁵ R. Harrison (1977, 142) menciona um fragmento inciso; certamente trata-se dum lapso, pois não consegui detectá-lo no Museu de Alenquer, ou, mais provavelmente, um dos vários fragmentos de cerâmica com decoração incisa, mas não pertencendo à C.V.C., foi incluído por aquele autor nesta Cultura.
- ⁶ Na posse do achador, o Snr. Manuel Sabino, guarda do Museu de Alenquer.

BIBLIOGRAFIA

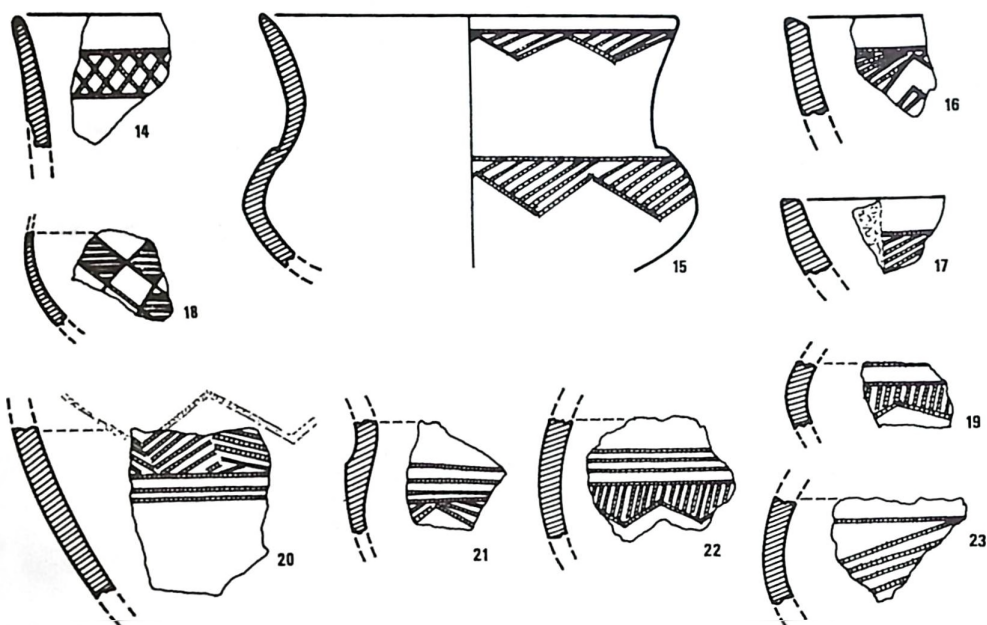
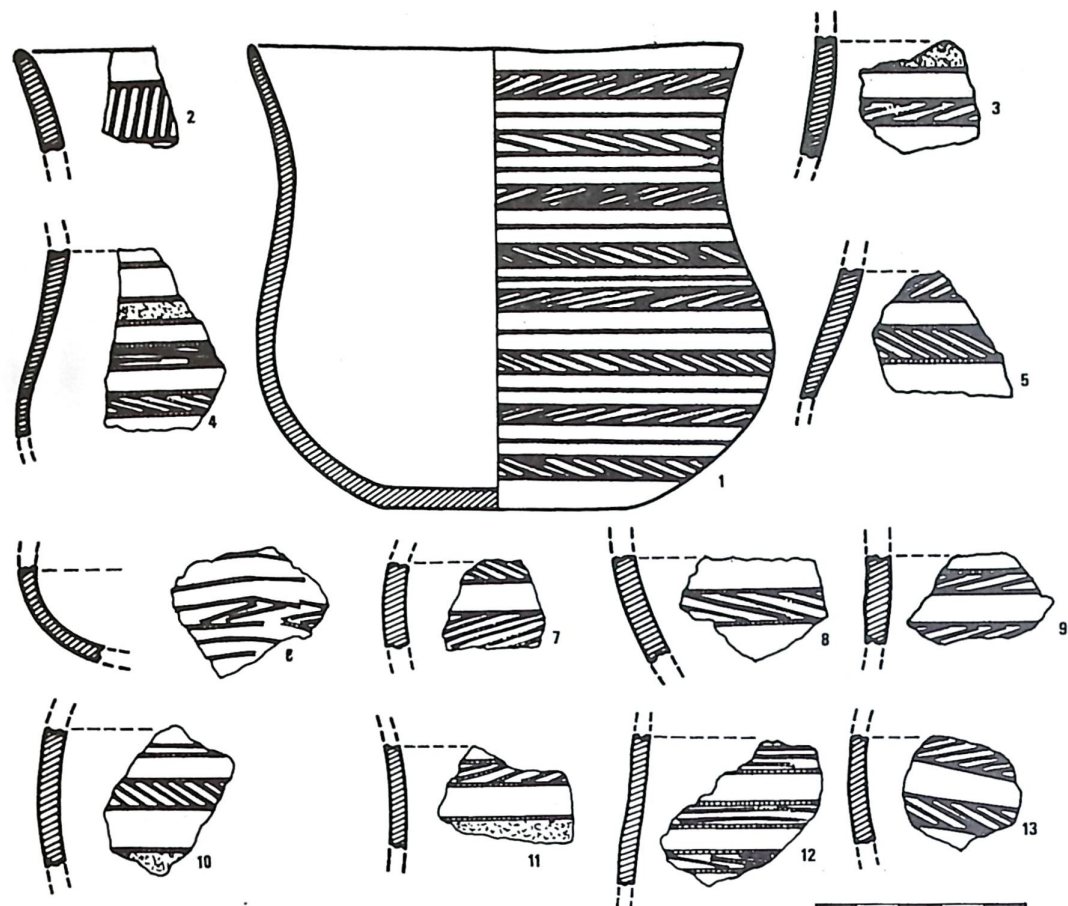
- ATHAYDE, A. (1933) — Ossadas pré-históricas da Gruta dos Refugidos, *Homenagem à Martins Sarmiento*, Guimarães 1933, 31-36.
- BARBOSA, E. (1956a) — O Castro da Pedra de Ouro, *O Arq. Port.* 3, 1956, 75-86.
- Idem — (1956b) — O Castro de Ota (Alenquer), *O Arq. Port.* 3, 1956, 117-124.
- BUBNER, Thomas (1977) — *Das Glockenbechervolk auf der Iberischen Halbinsel*, tese de doutoramento, Universidade de Freiburg/R.F.A., 1977.
- CASTILLO Y YURRITA, A. del (1943) — Cronologia de la Cultura del Vaso Campaniforme en la Península Ibérica, *AEA* 16, 1943, 388-435.
- CORREIA, A. Mendes de (1928) — A Lusitânia pré-romana, *História de Portugal*, Edição Barcelos, vol. 1, 1928, 128-214.
- DELIBES DE CASTRO, Germán (1979) — Hallazgo campaniforme en Villaverde de Iscar, Segóvia, *BSAA* 45, 1979, 5-18.
- FACUNDO RIAÑO, J., DIOS DE LA RADA Y DELGADO, J. de, e CATALINA GARCIA, J. (1894) — Hallazgo prehistórico en Ciempozuelos, *Bol. Real Acad. Hist.* 25, 1894, 436-450.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1966) — *La Culture du Vase Campaniforme au Portugal*, Lisboa, 1966.
- GOMES, J. J. Fernandes (1978) — Um vaso campaniforme de Alenquer, *Setúbal Arq.* 4, 1978, 61-69.
- HARRISON, Richard (1977) — *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, Cambridge/USA, 1977.
- LEISNER, Vera (1965) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, Berlin, 1965.
- LEISNER, Vera, e SCHUBART, Hermanfrid (1966) — Die kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro/Portugal, *MM* 7, 1966, 9-60.
- MARTÍN VALLS, R., e DELIBES DE CASTRO, Germán (1974) — *La Cultura del Vaso Campaniforme en las Campiñas meridionales del Duero; El enterramiento de Fuente-Olmedo (Valladolid)*, Valladolid, 1974.
- MATOS, L. de (1971) — O Castelo de Alenquer — subsídios para a arqueologia medieval portuguesa, *II Cong. Nac. Arq.*, Coimbra 1970, Lisboa 1971.
- PAÇO, Afonso do (1940) — Figurinha de barro da Pedra de Ouro, *Congresso do Mundo Português*, Lisboa 1940, 219-231.
- Idem — (1966) — Castelo da Pedra do Ouro, *Anais da Acad. Port. de Hist.* 16, 1966, 115-152.
- PEREIRA, Maria Amélia Horta (1970a) — Hipólito Cabaço, *Arq. e Hist.* 2, 1970, 7-26.
- Idem — (1970b) — 6 machados do castelo da Ota e 1 lâmina de punhal de S. João de Abrantes ou as culturas do cobre e do bronze na bacia do Tejo, *Actas das I Jornadas Arq.*, Lisboa 1969, Lisboa 1970, 3-32.
- SPINDLER, Konrad (1981) — *Cova da Moura*, Madr. Beiträge, n.º 7, Mainz 1981.
- Idem — (1984-88) — Campaniforme e Bronze, *Arq. e Hist.*, série X, vol. 1/2, 1984-88, 51-61.



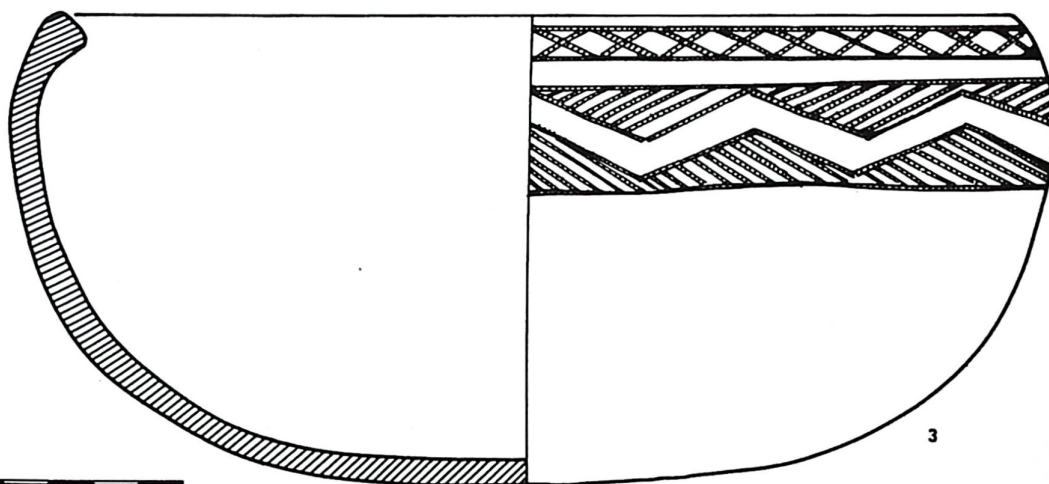
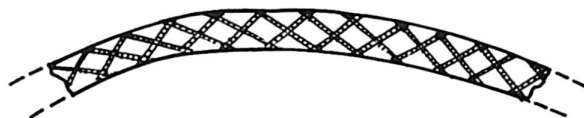
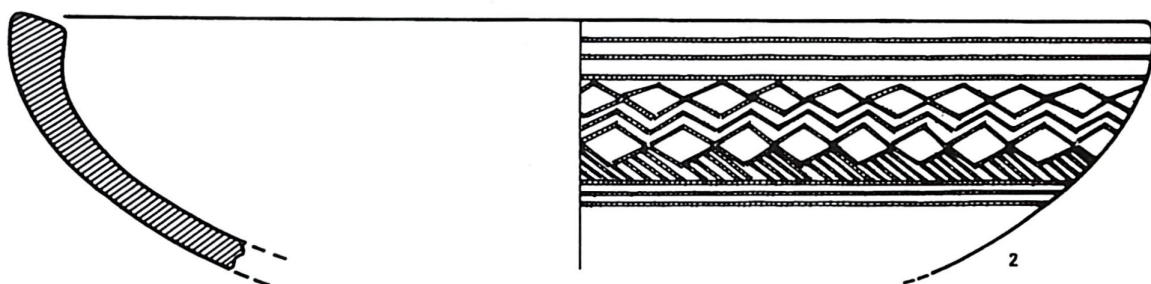
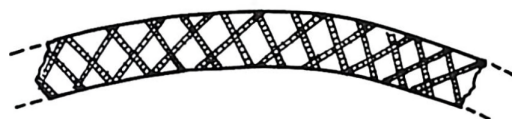
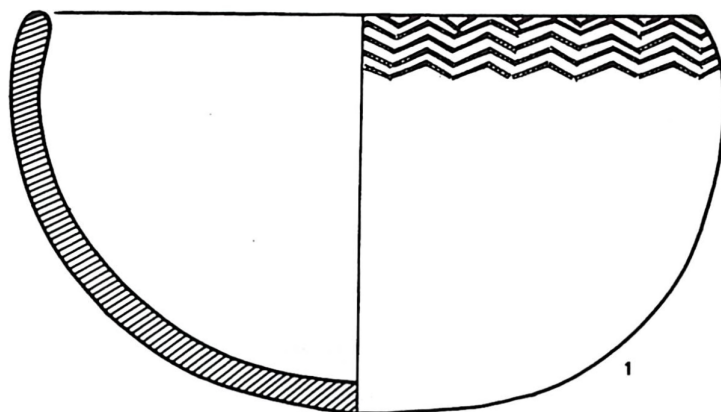
Est. 1: Mapa do concelho de Alenquer com a situação das estações referidas: 1 — Castelo da Pedra de Ouro; 2 — Porta da Conceição do Castelo de Alenquer; 3 — Castelo da Ota; 4 — Alto da Cova da Raposa; 5 — Gruta dos Refugidos.



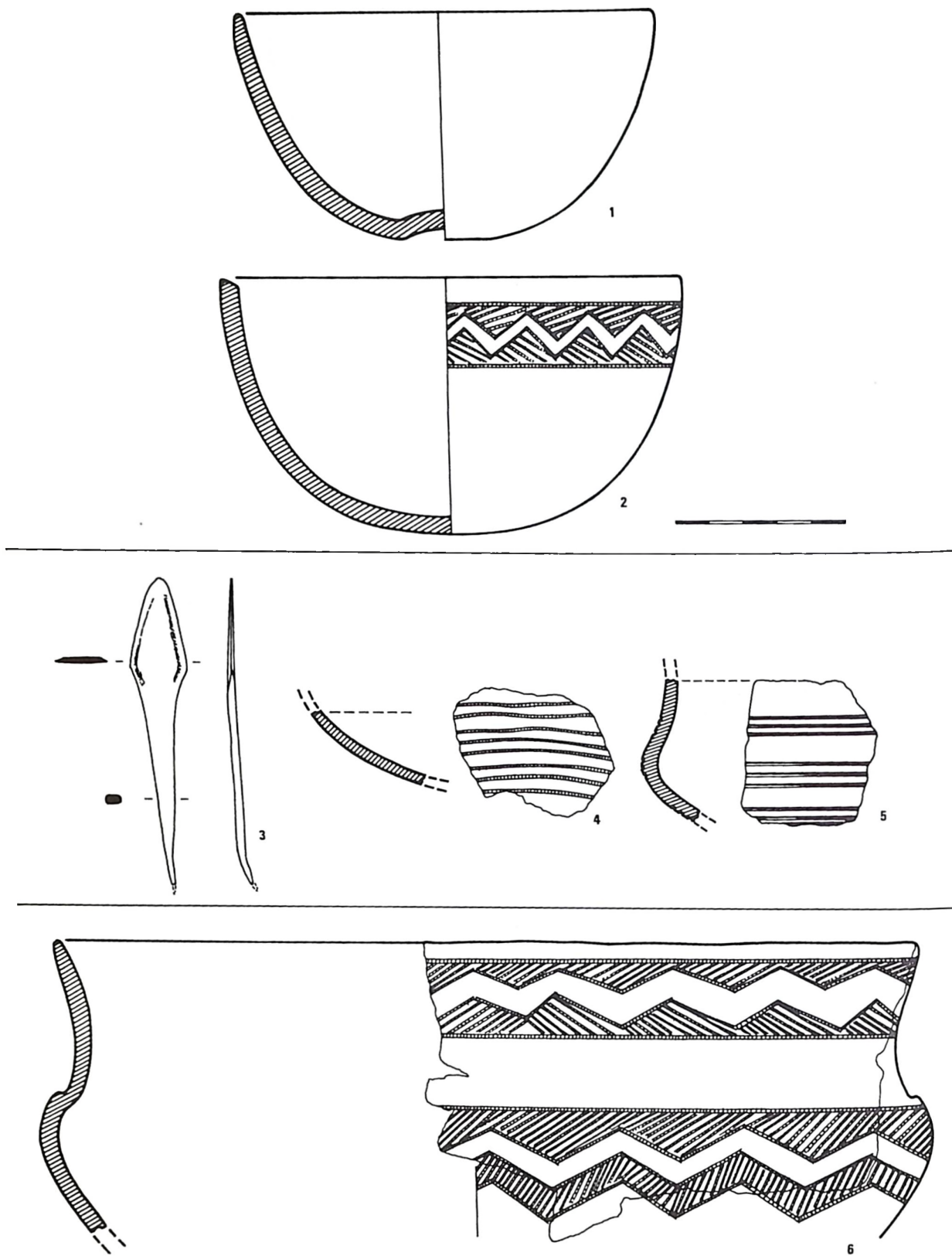
Est. 2: Botões de osso e cerâmica campaniforme «AOO» da Pedra de Ouro.



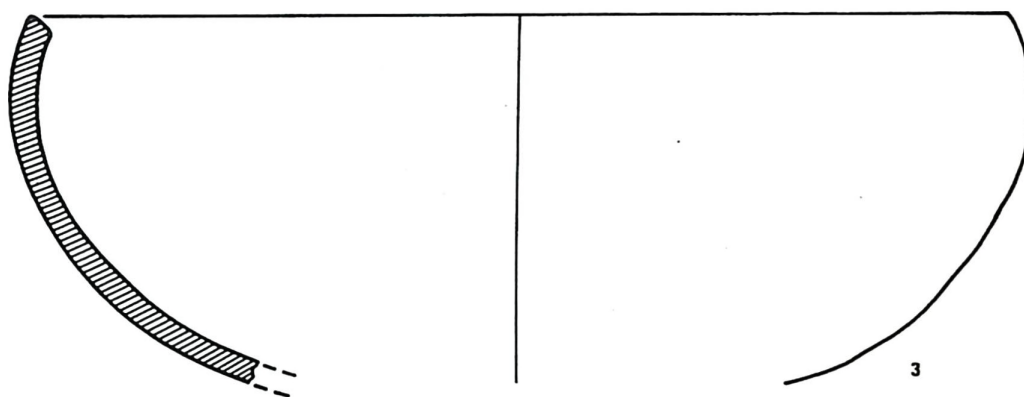
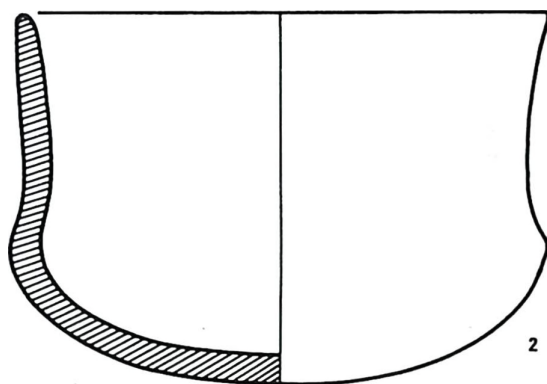
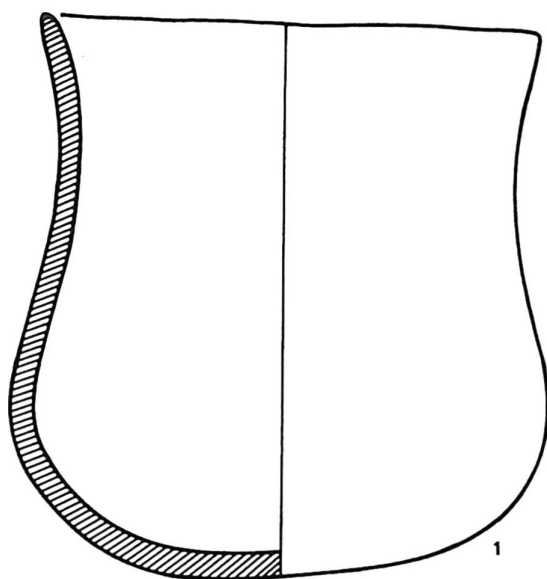
Est. 3: Cerâmica campaniforme da Pedra de Ouro. N.ºs 1 a 13: estilo marítimo; n.ºs 14 a 23: estilo local com decoração impressa por matriz denteada.



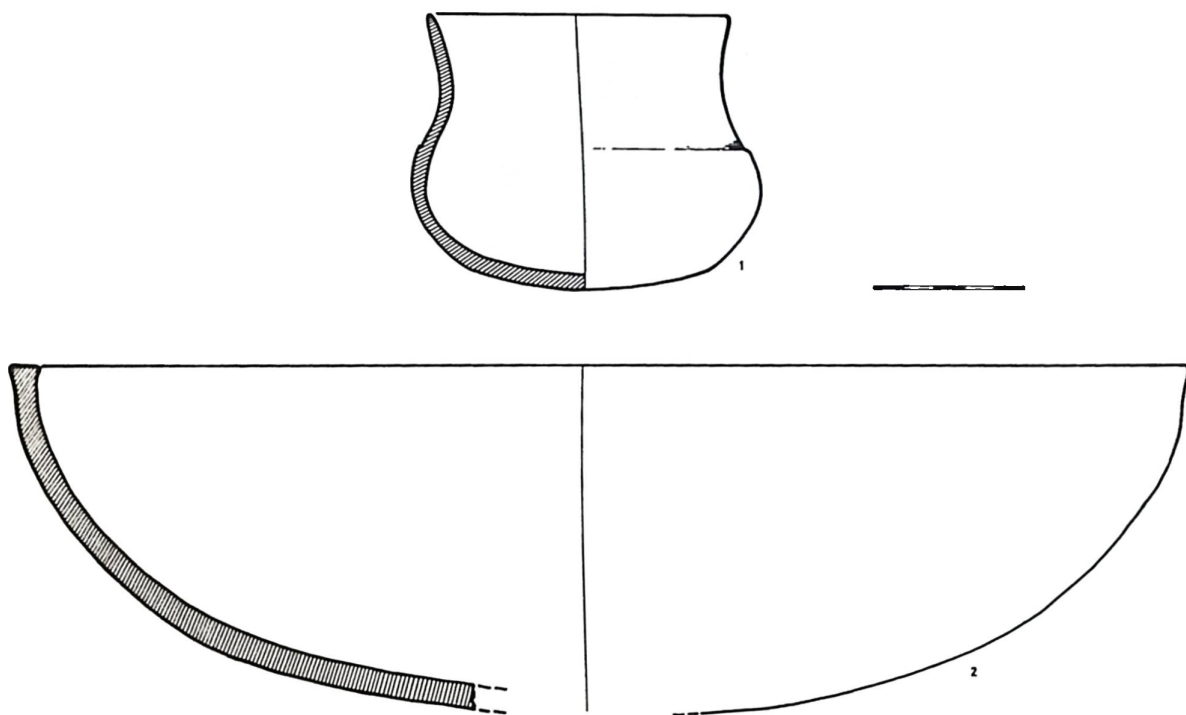
Est. 4: Pedra de Ouro (1 a 3).



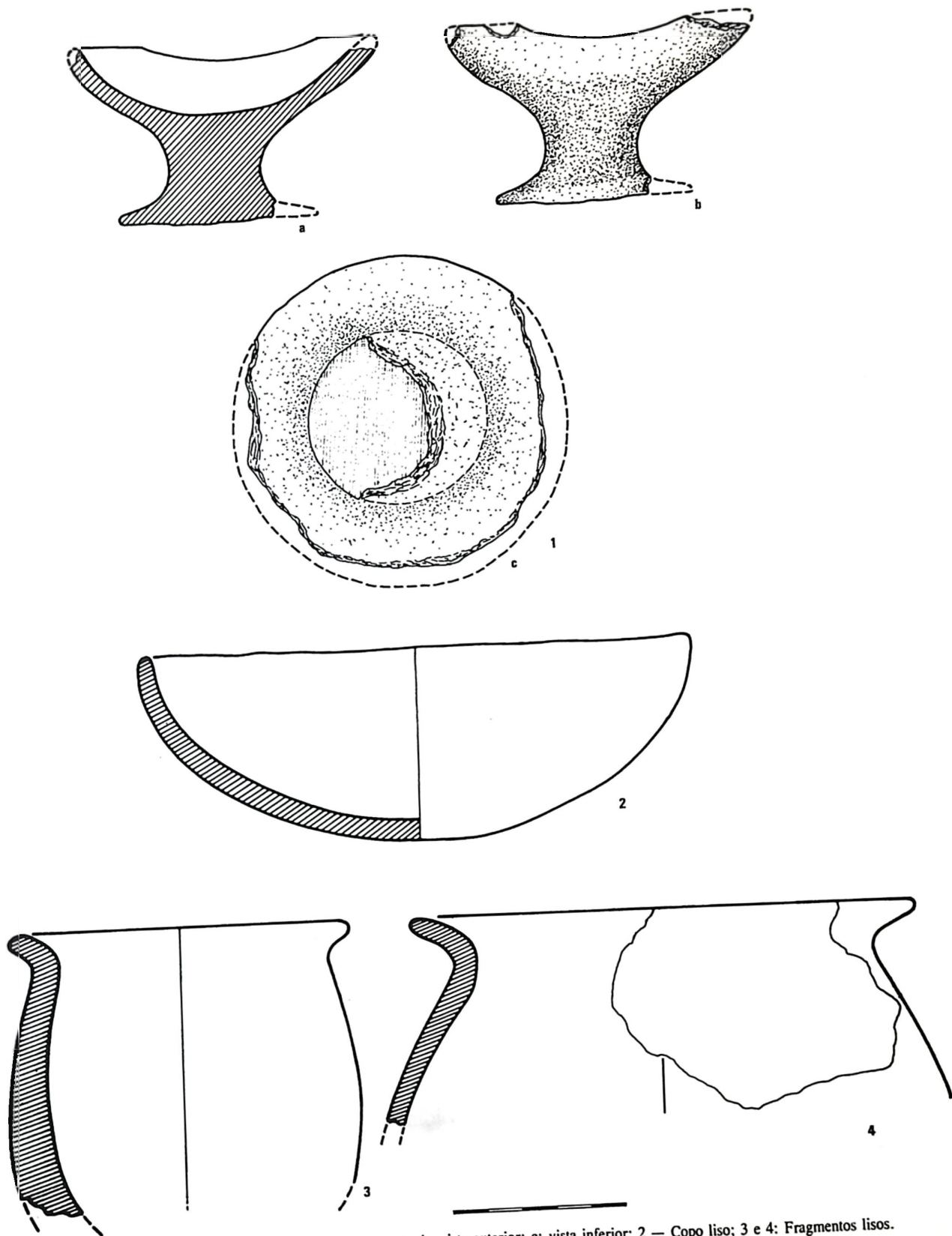
Est. 5: Pedra de Ouro (1 e 2); Castelo da Ota (3 a 5); Porta da Conceição (6).



Est. 6: 3 vasos lisos do Alto da Cova da Raposa.



Est. 7: Gruta dos Refugidos.



Est. 8: Gruta dos Refugidos. — 1: Cálice feito à mão: a: corte; b: vista exterior; c: vista inferior; 2 — Copo liso; 3 e 4: Fragmentos lisos.



Est. 9: Mapa de distribuição de sepulturas campaniformes com 3 vasos como oferendas: 1 — Alto da Cova da Raposa; 2 — Gruta do Porto Covo (Cascais); 3 — Tolos da Pedra Branca (Grândola); 4 — Anta de Teriñuelo (Salamanca); 5 — Sepultura individual de Pájaros de Adaja (Ávila); 6 — Sepultura individual de Fuente-Olmedo (Valladolid); 7 — Sepultura individual de los Retajones (Segóvia); 8 — Cueva de la Vaquera (Segóvia); 9 — Sepultura individual de Pájaros de Adaja (Ávila); 10 — Ciempozuelos (Madrid); 11 — Cova dels Gats (Valencia).